

Editorial

Chegamos a mais um número da *Percepta*, satisfeitos de seguirmos com esta que é uma publicação gratuita, de acesso livre e em formato exclusivamente eletrônico. Agora com DOI para cada artigo publicado, desde a edição inaugural, em 2013.

No número atual, o tema predominante é o ritmo! Ficamos gratos aos autores que submeteram seus textos, até o final de 2018, para que pudéssemos reunir artigos que tivessem visões diversificadas sobre o ritmo, elemento fundamental da música. Assim, neste número, a *Percepta* apresenta uma aproximação dos conceitos básicos no domínio do ritmo musical com a percepção, o ensino, a música contemporânea, a flexibilidade rítmica e as habilidades cognitivas mais gerais.

L. Lima levantou quatro diferentes métodos de rítmica e focou elementos musicais como pulsação, acento, metro e agrupamento de padrões rítmicos a fim de observar como eram tratados em cada método. Revelou-se que o que está em jogo é a produção do ritmo e não tanto sua percepção, nos métodos apresentados.

Ainda no domínio da aprendizagem musical, dois métodos foram estudados por A. Frigeri a fim de verificar o que têm em comum e desvenda-nos que o desenvolvimento da realização rítmica musical vem de mãos dadas com a percepção direcionada aos fenômenos rítmicos, portanto, com a atenção e, também, com o jogo e com o desafio. Ao ler seu artigo saberemos como a autora costurou essas ideias e como apontou para a organização do elemento musical como algo que advém das práticas que envolvem exercícios desafiantes e jogos.

Do ponto de vista da composição de música contemporânea, o aspecto rítmico evidenciado por R. Silva é a sobreposição rítmica presente nas obras que antecederam o serialismo do século XX. O tema do artigo é um convite aos leitores para conhecermos qual é o elo entre as tendências conceituais da música da passagem do século XX para o XXI, em termos rítmicos, e uma “teoria da relatividade musical”.

Os autores F. da Silva e R. de Souza, apresentam uma breve análise do aspecto rítmico de peças pianísticas (Mozart, Beethoven e Chopin) abordando fenômenos de performance, como tempo *rubato* e acento agógico, à luz da teoria de Mathis Lussy. Também tratam da *bonne mesure* e como esta se realiza em acentos, cujas ocorrências são mostradas através de curva de intensidade de trechos de peças paradigmáticas como a *Sonata Patética*.

A área da neurociência e cognição musical está representada nos artigos D. Alves e G. Bortz, respectivamente. Foram feitos levantamentos da literatura para uma visão de como aspectos musicais estão relacionados ao desenvolvimento cognitivo. No artigo sobre o ritmo musical e habilidades cognitivas, D. Alves aponta para uma relação mais direta de ritmo com habilidades fonológicas, portanto linguísticas, dos indivíduos. Já G. Bortz faz uma relação entre música em projetos sociais e as melhoras comportamentais significativas (verificadas também por imageamento cerebral) de crianças que vivem em condições de risco social.

Assim como em cada número da *Percepta*, neste está muito bem representada a cognição musical e suas interfaces. Na interface deste volume— 6(1)—figuram a cognição musical, o ritmo e o desenvolvimento do indivíduo. Desde as concepções mais individuais e conscientes do fazer musical até os benefícios cognitivos trazidos pelas intervenções musicais junto a crianças aprendizes, os estudos aqui apresentados são terra firme para darmos continuidade a nossas investigações e publicá-las.

Agradecimentos e congratulações a todos envolvidos nesta saída!

Beatriz Raposo de Medeiros
Editora